

CAPÍTULO 12

MANEJO DO COMPORTAMENTO SUICIDA NOS SERVIÇOS DE SAÚDE: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Diogo Bueno Mendanha

Graduado em Medicina pelo Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV).
Docente preceptor em Saúde da Família do Centro Universitário de Votuporanga.

Tiago Moreno Lopes Roberto

Graduado em Psicologia, Pedagogia e Sociologia.
Doutor em Ciências da Saúde (FAMERP)
Mestre em Psicologia da Saúde (FAMERP)
Docente da UNIRP, Faculdade Futura e UNIFAVENI.

Gerardo Maria de Araujo Filho

Psiquiatra. Mestre e Doutor em Neurociências - UNIFESP.
Pós-doutor em Psiquiatria pela UNIFESP,
Docente FAMERP - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto,
Programa de Pós-Graduação de Ciências da Saúde –
São José do Rio Preto - São Paulo - Brasil.

RESUMO

O comportamento suicida constitui um importante problema de saúde pública, representando um fenômeno complexo e multifatorial que envolve aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Trata-se de uma manifestação que abrange desde a ideação suicida até o suicídio consumado, exigindo atenção especializada e intervenções efetivas por parte dos profissionais de saúde. Sua elevada incidência tem despertado preocupação crescente entre pesquisadores e instituições de saúde, especialmente diante do aumento significativo de casos entre adolescentes e adultos jovens, população considerada particularmente vulnerável em razão de fatores emocionais, sociais e contextuais (BALDAÇARA et al., 2024).

A literatura aponta que o atendimento a indivíduos com comportamento suicida exige abordagem técnica qualificada, escuta sensível e capacidade de avaliação clínica ampliada, considerando não apenas sintomas aparentes, mas também fatores de risco associados, tais como transtornos mentais, histórico de tentativas anteriores, isolamento social, perdas afetivas, conflitos interpessoais e ausência de rede de apoio (DAUDT et al., 2017).

Além disso, a assistência prestada por profissionais da saúde frequentemente encontra limitações relacionadas à insuficiência de capacitação específica, fragilidades institucionais e ausência de protocolos estruturados para triagem e manejo adequado desses casos. Tal realidade evidencia a necessidade de aprofundamento científico sobre práticas

assistenciais voltadas à prevenção e ao cuidado humanizado frente ao comportamento suicida (GONÇALVES; SILVA; FERREIRA, 2015). Diante desse cenário, torna-se imprescindível discutir os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde no manejo dessas situações, bem como identificar estratégias que favoreçam a qualificação da assistência prestada.

Analisar os principais desafios enfrentados pelos profissionais da saúde no manejo do comportamento suicida, discutindo estratégias assistenciais que contribuam para a qualificação do cuidado e para a efetividade das ações preventivas.

A relevância desta pesquisa fundamenta-se na necessidade de ampliar as discussões acerca da atuação profissional frente ao comportamento suicida, considerando a crescente demanda por atendimento qualificado nos diferentes níveis de atenção à saúde.

O suicídio configura-se como evento prevenível quando identificado precocemente e manejado por profissionais capacitados. Entretanto, observa-se que muitos trabalhadores da saúde ainda demonstram insegurança técnica, dificuldade de acolhimento e limitações na condução terapêutica desses pacientes, o que pode comprometer significativamente a eficácia das intervenções (STOPPA; WANDERBROOKE; AZEVÊDO, 2020).

A reflexão sobre essa temática mostra-se essencial para o fortalecimento das práticas de cuidado, para a implementação de estratégias preventivas e para o aprimoramento da formação acadêmica e continuada dos profissionais envolvidos.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de levantamento, análise e interpretação crítica da produção científica relacionada ao manejo do comportamento suicida nos serviços de saúde.

A seleção do material bibliográfico ocorreu mediante rigor metodológico, priorizando publicações científicas relevantes, atualizadas e alinhadas ao objeto de estudo. Foram considerados critérios como pertinência temática, qualidade científica, consistência teórica e contribuição significativa para a compreensão do fenômeno investigado.

Após a seleção, realizou-se leitura exploratória, analítica e interpretativa dos materiais, possibilitando a organização das informações em categorias temáticas relacionadas aos desafios assistenciais, fatores de risco, práticas de acolhimento e estratégias de intervenção profissional.

A análise da literatura evidenciou que o manejo do comportamento suicida permanece como um dos maiores desafios enfrentados pelos serviços de saúde, sobretudo em razão da complexidade clínica e emocional envolvida nesse tipo de atendimento.

Os estudos demonstram que muitos profissionais apresentam dificuldades relacionadas à identificação precoce dos sinais de risco, à avaliação da gravidade do quadro e à condução adequada das intervenções

necessárias. Essa limitação está frequentemente associada à ausência de formação específica durante a graduação e à insuficiência de capacitações continuadas no contexto institucional (STOPPA; WANDERBROOCKE; AZEVÊDO, 2020).

Outro aspecto amplamente discutido refere-se à necessidade de superação de práticas assistenciais centradas exclusivamente em abordagens biologicistas. O cuidado ao paciente com comportamento suicida exige compreensão ampliada do sofrimento psíquico, acolhimento humanizado e escuta qualificada, elementos indispensáveis para o estabelecimento de vínculo terapêutico efetivo (GONÇALVES; SILVA; FERREIRA, 2015).

A literatura também destaca que o primeiro contato profissional constitui momento decisivo para o prognóstico do paciente. Ambientes inadequados, atendimentos mecanizados, ausência de privacidade e posturas julgadoras podem intensificar o sofrimento e comprometer a adesão ao cuidado. Em contrapartida, abordagens empáticas, escuta ativa e avaliação clínica cuidadosa favorecem a construção de confiança e ampliam as possibilidades de intervenção eficaz (DAUDT et al., 2017).

Outro achado relevante refere-se à importância da avaliação ampliada do risco suicida, que deve considerar múltiplos fatores de vulnerabilidade, incluindo histórico psiquiátrico, tentativas prévias, contexto familiar, rede de apoio e acesso a meios letais. A avaliação isolada de sintomas não se mostra suficiente para definição de condutas seguras e efetivas (BALDAÇARA et al., 2024).

Os resultados também reforçam a necessidade de estratégias institucionais como implementação de protocolos assistenciais, construção de planos de segurança, atuação multiprofissional integrada e fortalecimento da educação permanente em saúde.

Nesse sentido, a qualificação profissional revela-se elemento central para promoção de intervenções resolutivas e prevenção de novos episódios. Conclui-se que o manejo do comportamento suicida exige preparo técnico, sensibilidade clínica e articulação multiprofissional.

Embora os profissionais reconheçam a importância do acolhimento e da escuta qualificada, ainda persistem fragilidades relacionadas à formação acadêmica, à ausência de capacitação específica e à insuficiência de protocolos institucionais.

A qualificação da assistência depende diretamente do investimento em educação permanente, da implementação de diretrizes clínicas estruturadas e da consolidação de práticas humanizadas centradas na integralidade do cuidado.

Dessa forma, fortalecer a formação e instrumentalização dos profissionais da saúde constitui medida indispensável para prevenção do suicídio e para construção de uma assistência ética, segura e efetiva.

REFERÊNCIAS

BALDAÇARA, Leonardo et al. Diretrizes da Associação Brasileira de Psiquiatria para o manejo do comportamento suicida: triagem e avaliação. *Debates em Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 14, 2024. Disponível em: <https://www.revistardp.org.br>. Acesso em: 01 maio 2026.

DAUDT, Arthur Dondonis et al. Manejo em emergência do paciente suicida. Disponível em: <https://www.ufrgs.br>. Acesso em: 01 maio 2026.

GONÇALVES, Patrícia Ivanca de Espíndola; SILVA, Roseane Amorim da; FERREIRA, Lindair Araújo. Comportamento suicida: percepções e práticas de cuidado. *Psicologia Hospitalar*, v. 13, n. 2, p. 64-87, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 01 maio 2026.

REIS, Andreza de Jesus; TEIXEIRA, Bethania Serrão Peres; VIANA, Dayse Cristina Pereira. Manejo do comportamento suicida de crianças e adolescentes. *Health Residencies Journal*, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51723/hrj.v5i24.887>. Acesso em: 01 maio 2026.

STOPPA, Robertha Gabardo; WANDERBROOKE, Ana Cláudia Nunes de Souza; AZEVÊDO, Adriano Valério dos Santos. Profissionais de saúde no atendimento ao usuário com comportamento suicida no Brasil. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.vi.1065>. Acesso em: 01 maio 2026.